

C RÔNICA



Arco do Teles: Pintura em tela de João Barcelos

Meu cartão vermelho

Por Lasana Lukata

Poeta e escritor de São João de Meriti

E-mail: lasanalukata@yahoo.com.br

Vinha de comprar livros na Feira de Antiquidades na Praça XV. O céu estava miscigenado de nuvens. A manhã abafada. O sol querendo sair, libertar-se e nuvens brancas, negras e cinzas não deixando. Ia, de costume, entrar na rua próxima à Bolsa de Valores do Rio e contornar para as barcas quando uma brisa me trouxe aos pés uma página de jornal vermelha, móvel, retardada, de 30 de agosto de “O Globo”. Peguei-a e em grandes letras dizia: “Vermelho Neles!”. Na página, poetas, atrizes, compositores, entre outros, davam cartões vermelhos para pessoas, instituições ou atitudes. Contei 31. Meus senhores! 31 cartões vermelhos num só domingo? Ficou corriqueiro. Nem no futebol isso acontece. Isso dá crônica... Mas quem sou eu para rir do cartão vermelho que o senador Suplicy deu ao senador Sarney em plenário? Logo eu, o rei do efeito retardado, que nunca poderei ser chamado de intelectual porque intelectual vê o que ninguém viu e eu só consigo rir das piadas depois que todo mundo riu... É um oligofrênico!

Então o meu cartão vermelho vai para mim mesmo que estou solteiro até agora por culpa do meu efeito retardado. A moça ia para a nebulização no Posto de Saúde onde eu trabalhava,

mas antes, apertava-me a mão com muito gosto, conversava, sorria, e seus olhos jabuticabavam de brilhantes e levei 6 meses para decidir colocar um bilhete na sua mão:

- Mas agora é que você vem falar em namoro? Já estou noiva e para casar!

Dos cartões vermelhos na página vermelha me incomodou o do músico Marcos Valle, que deu cartão vermelho para os chatos que não enxergam nada de bom nos dias presentes. Lida a página, avancei um pé a pisar na Rua do Mercado quando, agora, a brisa me trouxe aos ouvidos um choro de criança que saía do Arco do Teles e me desviei para lá, disposto a enxergar algo de bom nos dias presentes. Quem quer ser chato?

A criança chorava e pedia esmola com a mão em riste: Tio, dá um real aí!

Dei e segui para as barcas, ansioso por retornar ao lar e ler os livros, mas não foi um dar jogado. Enquanto a boca pedia, nossas mãos se tocaram e me comovi profundamente em espírito como se há duzentos anos conhecesse o Arco do Teles, aquelas pedras... E os olhos da criança eram olhos de Alice, perguntando: “Você poderia me dizer, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?”, mas sem talentos para gato nem guru nem ONGueiro explorador de crianças segui para as águas. (Sabes o que é um pastor de Assembléia de Deus numa ONG colocar três crianças para comer num prato só e receber a verba de três pratos? Ou uma professora assinar contrato de R\$400 e receber R\$150? Que mão amiga é essa, senhores? Vermelho nesse também!). Por que segui para as águas? Porque talvez procurando um caminho menos duro, mas as crônicas de pedra existem. Desculpe, mas embarquei, não resisti e comecei a ler na barca mesmo o primeiro livro que me veio à mão: “O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis”. E a barca deslizava. Vez por outra os olhos a pastar nas verdes águas. Verde salgado. Já vem o chato com um parágrafo salgado. É pedra, é sal, pedras de sal... Mas chega um tempo, amigo, de cair umas pedras de sal em nossa feijoada. Sal que nós mesmos produzimos. E como fazer crônicas com açúcar se o preço disparou? Oh Índia, onde está o teu açúcar? Meus cajuzinhos andam salgados. E lá pela página 19 me apareceu uma ilustração salgada, a ilustração do Arco do Teles: vários escravos velhos, quase nus, cheios de feridas, dizia a História. Escravo de mão em riste e dava para ouvir a sinfonia dos abandonados: uma esmolinha pelo amor de Deus! Ali, no tempo dos vice-reis e, digo eu, dos vice-mortos, na boca do Arco do Teles os mendigos nem se derramavam nem eram engolidos. Ficavam como dentes estragados... E a boca do Arco do Teles doía, gemia: uma esmolinha pelo amor de Deus!

E duzentos anos se passaram... No século XX, até a década de 80, ouvia-se o pregão: Uma esmolinha pelo amor de Deus!

Hoje, mais contidos, os mendigos tiraram Deus dessa história e buscaram outro caminho, o do homem, e deste se aproximaram por um grau de parentesco, laço: Tio. Um raio pode não cair duas vezes no mesmo lugar, já quanto à miséria não podemos dizer o mesmo...

Mas repara! Apesar disso, tem razão Marcos Valle porque há algo de bom a enxergar nos dias presentes:

A pretinha que agora pede esmolos no Arco do Teles, além de nova, é sem feridas e ainda veste a camisa do Flamengo.